A família e o processo de interiorização: três exemplos*

VERA LUCIA SILVA LOPES**

1. Introdução; 2. Exemplos; 3. Conclusões.

Neste trabalho, a autora desenvolve o conceito de família como grupo de interiorização proposto por Yvonne Castellan, por referência a outros grupos que propiciam a exteriorização de aspectos da personalidade. Enfatiza a importância da experiência de vida no seio do grupo familiar que, como tal, é estruturador da personalidade. O estudo de sujeitos provenientes de grupos familiares "fragmentados", por morte ou abandono de um ou de ambos os pais, revela uma relação entre características de personalidade dos mesmos e um tipo particular de vivência da família, especialmente no que concerne ao relacionamento desses indivíduos com os outros e com o mundo.

1. Introdução

Falar de instituição a propósito da família adquire todo seu sentido em psicologia, se considerarmos a família um *grupo de interiorização.* A família institui, isto é, cria, forma, o sujeito humano. Estruturada segundo uma lei — a da interdição do incesto — ela estrutura o sujeito segundo o modo de um complexo que tira seu nome de um mito, o de Édipo.

* Este artigo é a tradução do trabalho apresentado às Jornadas Anuais da Pesquisa, da Universidade de Nanterre, Paris X, realizadas em 17 e 18 de maio de 1984, sobre o tema Psicologia, Instituições, Organizações. O referido trabalho constituiu a contribuição da autora à intervenção conjunta feita com a Prof.ª Y. Castellan, diretora do Laboratório de Psicologia Clínica e Patológica da mesma Universidade, que recebeu o título geral de *Psicologia e família — o processo de interiorização*. Alguns aspectos do texto original foram adaptados, no sentido de acrescentar informações necessárias ao leitor brasileiro e de suprimir aquelas que pareceriam extremamente óbvias ao mesmo. (Artigo apresentado à Redação em 18.7.84.)

** Professora assistente no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. A autora agradece a Vera R. G. de Andrade, assistente social na Funabem no período de 1977 a 1979, pelas discussões úteis. (Endereço da autora: Ufes — Departamento de Psicologia — Centro de Estudos Gerais — *Campus* Universitário de Goiabeiras — Goiabeiras, 29000 — Vitória, ES.)

A família se distingue de todos os outros grupos pelo fato de introduzir a criança no jogo de relações do triângulo que ela passa a integrar. A estrutura dessas relações no seio da família ficará impressa na estrutura da personalidade em formação, pelo processo que denominamos de *interiorização.*

Esta *interiorização,* enquanto interiorização de relações, supõe a criança como elemento dessa "rede" familiar, mais explicitamente que ela tenha essa experiência do grupo familiar ao longo do seu desenvolvimento.

Por ocasião de uma recente pesquisa,[1] tivemos a oportunidade de encontrar indivíduos pertencentes a famílias "fragmentadas" enquanto grupo. A estruturação psíquica desses indivíduos parece marcada, por assim dizer, por suas primeiras experiências.

O testemunho desses sujeitos no relato de suas histórias de vida, assim como o material referente a histórias construídas à vista de algumas pranchas do TAT — escolhidas em função dos temas de relação entre pessoas que elas evocam — nos inspiraram as reflexões teóricas que serão objeto da presente exposição. Limitar-nos-emos à apresentação dos fatos observados e à interpretação dos mesmos.

Estamos numa fase da pesquisa em que a elaboração de uma problemática toma forma. Isto indicará certamente os limites e a extensão de nossas afirmações.

Os dados que servem de base a esta reflexão se referem a entrevistas individuais realizadas no Rio de Janeiro, no ano de 1980, com habitantes dessa cidade, a maioria operários e operárias, assim como um pequeno grupo de classe média.

A amostra de classe baixa, composta de 158 indivíduos, nos forneceu informações sobre as condições de vida da família nesta classe social. Isto nos permitiu compreender a estrutura e o funcionamento do grupo familiar dessa camada da população. A partir daí, nos foi possível isolar algumas características específicas a certas famílias e relacioná-las com aspectos da personalidade de alguns indivíduos delas originários. De acordo com esses dados, descreveremos de forma resumida a "realidade" dessas famílias.

Condições econômicas extremamente desfavoráveis fazem desses grupos familiares *grupos de sobrevivência* mais do que grupos de vida, segundo os objetivos comuns a seus elementos. A insuficiência de sistemas sociais de assistência à saúde e à velhice parece estar na origem de uma forte interdependência entre os membros dessas famílias, dependência psicológica ligada à dependência econômica. Essas famílias são freqüentemente marcadas pelo abandono ou a morte de um dos cônjuges (44% dos sujeitos da amostra de classe baixa vêm de famílias assim caracterizadas). As crianças têm, a partir daí, essa experiência do grupo familiar que nós qualificamos de "fragmentada" — salvo nos casos onde existem avós ou outros parentes que se encarregam da educação das crianças. Mas é preciso que os contatos entre essas crianças e a grande família tenham-se estabelecido no passado para que haja uma espécie de continuidade da história familiar para a criança.

As crianças que não são assim acolhidas pelo grupo familiar são encaminhadas às instituições de ajuda à infância, que tentam colocá-las em famílias de

[1] Louzada Silva (1983).

substituição (vizinhos ou parentes distantes). Quando isto não é possível, elas permanecem internas nas instituições em questão.

É, então, uma situação crítica da família, ocasionada mais freqüentemente por condições de vida desfavoráveis, segundo indicam os dados de nossa pesquisa, que é responsável pela separação dessas crianças de seu grupo familiar de origem.

Nos casos das famílias de substituição, as crianças acolhidas representam na maioria das vezes uma força de trabalho. Uma relação não-declarada (não-dita) de "patrão/empregado" se estabelece entre essas crianças e aqueles que deveriam representar seus pais substitutos. Em conseqüência, a vida familiar será caracterizada, para essas crianças, a partir desse momento, pela ausência de autênticos laços familiares.

É preciso salientar que no Brasil essas colocações não respondem aos mesmos critérios que encontramos na França, onde as mesmas são remuneradas e o processo de escolha das famílias obedece a normas que visam garantir às crianças boas condições de vida. Nesse país, as famílias interessadas nesta tarefa de educação devem-se mostrar efetivamente motivadas, além de fazerem prova de equilíbrio na sua estrutura e funcionamento. Elas devem, ainda, gozar de autonomia financeira, de modo que o salário recebido por este novo trabalho não se apresente como a motivação principal de seu gesto. No Brasil, o fato de as meninas serem mais facilmente acolhidas do que os meninos parece confirmar o papel dessas crianças como força de trabalho, já que as primeiras podem servir de empregada doméstica ou de babá;.

No caso em que a criança permanece na instituição, ela não somente conhecerá condições artificiais de vida, mas se exporá também ao aprendizado da delinqüência. Sabemos que nessas instituições são colocados igualmente menores de conduta considerada anti-social que, por força de lei, não podem ser encaminhados ao sistema penitenciário antes dos 18 anos. Neste contexto, a experiência de uma vida familiar está evidentemente ausente.

Vivendo em famílias de substituição ou internas em instituições especializadas, essas crianças se encontram privadas do contato com seu grupo familiar de origem — um grupo que elas constituíam e que as deveria constituir enquanto pessoas. Assim é que, uma vez atingida a idade adulta, esses indivíduos exprimem um sentimento de angústia, de vazio, um desespero sem causa aparente.

Retivemos aqui três exemplos que ilustram bem, a nosso ver, a importância do grupo familiar enquanto *grupo de interiorização* no processo de estruturação da personalidade.

2. Exemplos

O primeiro é o de uma jovem que trabalha como auxiliar de escritório numa fábrica e faz o curso secundário à noite. Ela é de origem modesta, seu pai era servente e sua mãe empregada doméstica. Ambos faleceram quando ela tinha 10 anos de idade. Colocada numa família de vizinhos, ela teve que trabalhar fora desde cedo para ajudar na nova casa. Seu irmão, mais velho que ela oito anos, não se preocupou em ajudá-la, distanciando-se dela. Sobre a perda de seus pais, a jovem nos diz: "Foi aí que eu compreendi que eu era uma mãe, eu tinha

que ser uma mãe, eu tinha que ser um pai, eu tinha que ser irmão. Eu tinha que ser eu mesma."

Podemos observar que este "eu mesma" contém a família internalizada. Essa família é, no entanto, a família da infância. São os pais da infância, suas imagos que foram introjetadas. É a "rede" de relações deste grupo familiar que foi internalizada. E as relações com o grupo familiar parecem ter estacionado aí, na medida em que a família de substituição não foi vivenciada como tal. Neste caso, como os pais da infância não são os mesmos que os da adolescência, podemos pensar que houve uma carência no que concerne à experiência de vida familiar. Com efeito, essa jovem nos fala de um sentimento de angústia que estaria ligado, segundo ela, a uma falta de confiança nos outros e em si mesma.

Esta experiência particular do grupo familiar pode ser observada em dois momentos: no TAT e na entrevista, particularmente no que se refere à imagem dos pais como um casal assexuado. No TAT, na prancha 4 ela vê um casal que é apresentado como "de amigos". Da mesma forma, quando ela nos fala de seus planos para o futuro: "Eu queria uma coisa minha. Uma casa, uma paz interior" (o interior da casa e de si mesmo se encontram bem confundidos). "Um amigo para completar isto" (quando sabemos que não é hábito no Brasil, sobretudo nessa classe social, denominar o companheiro ou marido "amigo"). Ela continua: "Talvez até filhos, né, que é uma parte. Filhos é uma parte de uma família."

A família é, então, percebida como "partes" justapostas, percepção certamente ligada à sua experiência de vida familiar. Na verdade, o importante é ter uma casa, garantia de sua própria existência, e partilhar essa vida assim protegida com outras pessoas que formarão uma família. Pessoas que são colocadas no interior da casa (como ela mesma no passado o foi numa casa estranha) e que só estão ligadas entre si pelos laços da amizade. O aparecimento dos filhos, inclusive, não parece diretamente relacionado com a existência do casal formado pelos pais.

O segundo exemplo é o de um jovem de 24 anos, auxiliar de escritório, que praticamente não conheceu a vida em família. Seus pais se separaram quando ele tinha dois anos. Sua mãe, impossibilitada de ficar com o filho por causa do seu trabalho, o colocou numa instituição quando ele contava sete anos. De lá só saiu aos 18 anos e durante esse tempo via a mãe muito raramente, em alguns fins de semana ou férias. Sobre seu pai, lembra somente que era militar. Acerca do seu relacionamento com os pais, diz, primeiro sobre a mãe: "(Relacionamento) frio, porque não houve aquele carinho que é normal das mães (...) não tinha condições nem de me visitar. Essa relação filho/mãe, filho/pai, eu nunca tive. Relação fria, poucas palavras."

De acordo com seu discurso, ele não conheceu uma vida familiar. A este propósito, suas palavras indicam um vazio: "A geração da minha família, mesmo, se começar, vai começar por mim, antes era miséria."

Ele revela melhor seus sentimentos quando nos fala de suas diversões preferidas: "Andar. Acho que andar me faz um bem tremendo, relaxa um pouco. Parece assim que eu descarrego a tensão acumulada. E a outra forma de extravasar é (...) chorar, choro que é uma maravilha."

Ele atribui essa tensão aos esforços que faz para subir na vida (ele faz um curso noturno numa faculdade particular). Esta tensão vem essencialmente do

fato de esconder a seus colegas seu passado numa instituição para menores, com medo de ser confundido com um marginal.

O mal-estar que esse homem traduz em uma tensão que ele considera de origem social e da qual só se libera quando está só pode ser interpretado de outra forma. Ele nos fala de um alívio quando anda, quando chora, como se houvesse alguma coisa demais dentro dele da qual é necessário se livrar. Ora, segundo nosso raciocínio teórico, se trataria mais precisamente de um vazio, de uma carência ao nível da rede familiar de relações a ser internalizada, a partir da qual todas as outras relações se configuram. Ele não nos fala de um vazio, mas diz sobre si mesmo: "Eu sempre fui assim (...) econômico. Eu acredito que o bem-estar social, o futuro da pessoa, não está em relação a quanto a pessoa ganha, mas quanto ela guarda." E sobre a cultura, ele se pronuncia: "Estudar, eu pretendo estudar sempre, que eu acho que isso é uma riqueza (...) pode mudar sistema, mudar tudo, que a gente continua com essa riqueza dentro da gente."

O que é importante em tudo que ele faz é *guardar:* o dinheiro e o saber, este último sobretudo. Seria interessante refletir sobre o que ele procura substituir com esses elementos.

Um outro exemplo que retivemos é o de uma operária de 25 anos que perdeu o pai com a idade de oito anos e viveu desde então na casa de desconhecidos, onde trabalhava como empregada doméstica.

Afastada do ambiente familiar desde esta época, na vida adulta ela abandona sua filha, tal como fora abandonada por sua mãe.

Segundo disse, ela considerou seus diferentes patrões seus pais, pois estava separada de sua mãe, que ficou no interior e a enviou ao Rio, onde já se encontravam seus irmãos maiores. Este afastamento ocorreu logo após a morte de seu pai e teve razões econômicas: sua mãe não tinha condições de educá-la, assim como aos outros dois filhos menores que ainda estavam em sua companhia. Nove outros viviam em cidades grandes (eles eram 12 ao todo).

Foram igualmente motivos de ordem econômica que levaram a entrevistada em questão a se separar, por sua vez, mais tarde, de sua filha. Na verdade, as disputas com a sogra impediram-na de continuar a viver na casa que partilhava com esta, o marido e a filha dos dois. Ela partiu deixando a menina porque não tinha condições de levá-la. Essa separação, diz, a faz sofrer enormemente. Segundo ela, o relacionamento com o marido continua bom e eles gostariam de viver juntos novamente, mas ele não deixará a casa onde vive porque esta lhe pertence. A culpa da separação recai, desse modo, inteiramente sobre a sogra.

No TAT, na prancha 7 GF, que evoca geralmente temas de relacionamento entre mãe e filha, esta mulher vê uma menina que está triste, arrependida de alguma coisa que fez e que não agradou sua mãe. Talvez ela exprima aí o que vivenciou na época da sua partida de casa. Ela só tinha oito anos, seu pai acabara de morrer e sua mãe a mandava para longe. Longe como sua imaginação, que lhe foge no momento de nos contar a história dessa menina triste que deve despertar sentimentos desconhecidos e incompreensíveis.

Para esta pessoa, as relações entre pais e filhos foram internalizadas, efetivamente, como relações entre patrões e empregados, segundo se poderia esperar da experiência de vida que nos foi relatada. A prancha 6 GF, que inspira geral-

mente temas ligados ao relacionamento entre pais e filhas, deu lugar a uma história onde a relação entre os personagens é estritamente de ordem profissional.

Observe-se a *dimensão econômica* sempre em relevo em seu relacionamento com os outros: a separação da filha — razões econômicas a impedem de ficar com ela — e do seu marido — existe a casa da qual ele é proprietário e que não abandonará por este motivo. Esta *dimensão econômica* parece determinar igualmente a natureza do seu relacionamento com o grupo familiar: primeiro, causando sua partida de casa; depois, nas relações que se estabeleceram com aqueles que tomou por seus pais substitutos (as pessoas para as quais ela trabalhava).

3. Conclusões

Tentamos, no decorrer desta exposição, destacar a importância do grupo familiar como *grupo de interiorização* e chamamos a atenção para o fato de que esta interiorização é sobretudo *interiorização dos laços* estabelecidos dentro da família. A natureza dessas relações na família parece determinar nos três casos apresentados a natureza das relações do sujeito com os outros e, em conseqüência, sua relação com o mundo e consigo mesmo.

No primeiro caso apresentado, a *experiência interrompida* com os pais que morreram e o irmão que se omitiu é traduzida por uma falta de confiança em si mesma e nos outros. Da mesma forma que nessa percepção da família como "peças" reunidas, pedaços que se juntam, que parece ter igualmente a jovem mulher em questão, o que concorda com sua experiência de família a partir dos 10 anos.

A importância dessas primeiras experiências *internalizadas* aparece também no segundo exemplo citado: esse homem que nos fala de um vazio que ele tenta preencher com o que pode adquirir, sobretudo em matéria de cultura. Parece-nos interessante lembrar que localizava a cultura num espaço intermediário entre o interior (dentro) e o exterior (fora), tal como o espaço transicional do "jogo" (*jeu*) que tem lugar na família e que é constitutivo do "eu" (*je*). Como substituir o "jogo" desses primeiros contatos uma vez chegada a idade adulta, quando a ausência deste parece manifestar-se na dificuldade de contato com os outros?

Trata-se de *repetições* que só são efetivas porque do registro do inconsciente e por isto determinantes na história do sujeito, como se pode observar no caso do terceiro exemplo apresentado. Uma determinação inconsciente que conserva toda sua força ao lado de uma determinação social e que não a exclui, ao contrário.

Em nosso estudo, onde a "realidade social" foi devidamente considerada, fomos confrontados com a importância de uma outra realidade, de ordem psíquisa, em estreita relação com uma "realidade familiar".

Esta problemática merece certamente uma pesquisa aprofundada. Levantá-la foi o único objetivo deste trabalho.

Abstract

In this work, we develop the concept of family, proposed by Yvonne Castellan, as an internalization group, with reference to the other groups which make pos-

sible the externalization of some aspects of personality. We emphasize the importance of the experience of life inside a family group in structuring the personality. A study of subjects originating from "broken" family groups, missing one or both parentes through death or abandon, reveals a relationship between the personality characteristics and the type of family experience, especially regarding relationship with others and the outside world.

Referências bibliográficas

Andrade, V. R. G. *Estudo do modelo de serviço social na reeducação dos menores com problemas de conduta anti-social, no Instituto Padre Severino — Unidade de Reeducação da Funabem*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PUC, 1977.
Castellan, Y. *La famille — du groupe à la celule*. Paris, Dunod, 1980.
———. *La famille*. Paris, PUF, 1982. (Que sais-je?)
Lacan, J. *Les complexes familaux dans la formation de l'individu*. Paris, Navarin, 1984.
Louzada Silva, V. L. *Adolescence et créativité: la problématique du travail précoce à partir d'un échantillon brésilien*. Thèse de doctorat. Paris V, 1983.
Winnicott, D. W. *Jeu et réalité*. Paris, Gallimard, 1975.

Negociações Mundo Afora

Os autores foram movidos pelo propósito de preencher a necessidade de bibliografia específica, em língua portuguesa, sobre tema de importância crescente, principalmente no âmbito latino-americano.

De cunho prático e didático, aborda sucessivamente: uma síntese extensiva da evolução econômica da América Latina; as bases metodológicas das negociações internacionais; sete estudos de casos, que analisam os aspectos formais das diversas modalidades de negociações e indicam possibilidades de negociações de vários produtos primários e manufaturados, bem como de serviços.



Nas Livrarias da FGV
Rio — Praia de Botafogo, 188
Av. Presidente Wilson, 228-A
São Paulo — Nove de Julho, 2029
Brasília — CLS 104, Bloco A, Loja 37

Ou pelo Reembolso Postal
À FGV/Editora — Divisão de Vendas
Caixa Postal 9052
20.000 — Rio de Janeiro — RJ.